

DIRECTOR! CONSELHEIRO X. X.

SURGE ET AMBULA!



Levanta-te e... "caminha"!

"FLUXO-SEDATINA"

Não ha mais mortes

Em consecuencia de hemorragias nos partos tomando a

"Fluxo-sedatina"

15 dias antes de dar á luz. Evita as dores dos partos, as hemorragias antes e *post-partum*. Cura ciclicas uterinas em 2 horas, regula os periodos e cura todas as doenças do Utero, Flores Brancas, Inflamações dos ovarios, Suspensão das Regras e todos os males que atacam a mulher. A "FLUXO-SEDATINA" é a salvação das senhoras. Está sendo usada em todas as maternidades do Brazil.

Recommenda-se aos medicos e parteiras

Em todas as Pharmacias e Drogarias



FRUCTAL

**Pó effervescente á base de
saes de fructas**

Laxativo, digestivo, anti-acido e diurectico, muito agradavel de tomar, cura as perturbações gastro-intestinaes e regularisa as funcções do ap-
: : : parêlho digestivo : : :

Uma unica dose do Fructal alivia
imediatamente qualquer incommodo
do Estomago ou dos Intestinos.

PREÇO NESTA CAPITAL **4\$000**



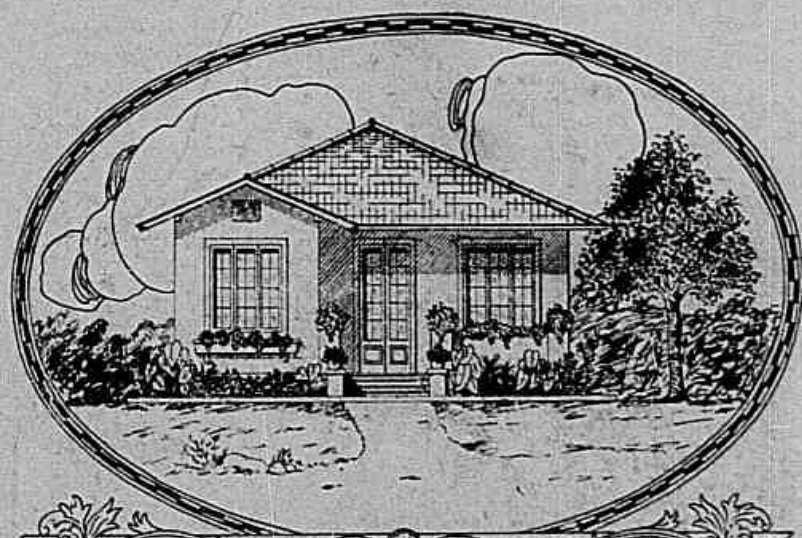
Manteiga phosphatada SIMÕES

ALIMENTA — NUTRE — TONIFICA

PARA CRIANÇAS E ADULTOS

Nos alimentos e na mesa — A' vontade
PASTEURIZADA - PURA - SABOROSA

Dep. RUA DOS ANDRADAS, 43
RIO DE JANEIRO



COMP. DE LOTERIAS NACIONAIS DO BRASIL

Extrações publicas sob a fiscalização
do Governo Federal, ás 3 h., e nos sabbados
ás 3 horas.

RUA VISCONDE DE ITABORAHY N. 45

Hoje, 27 de Janeiro, As 3 horas da tarde

100:000\$000

POR 8\$000 EM DECIMOS

O bilhetes para essas interias acham-se á venda na sede da
Companhia á Rua 1.º de Marco, 88.

DESENHOS
DE
CONSTRUÇÃO
EM GERAL
DECORAÇÕES
DESENHOS DE MÁCHINAS

van

RUA DO OUVIDOR 133, 1ª A
TEL NORTE 4838
KASTRUP

DYNAMOGENOL

O mais eficaz dos tónicos para o systema nervoso e muscular. O mais completo ACCELERADOR DAS FORÇAS E DA NUTRIÇÃO

TONICO DOS NERVOS! TONICO DOS MUSCULOS!
TONICO DO CORAÇÃO! TONICO DO CEREBRO!

E' indispensavel a todos os individuos cujo trabalho produza a fadiga cerebral, taes como: literatos, jornalistas, padres, profe-sores, empregados publicos, estudantes e guarda-livros. O DYNAMOGENOL é de resultados surprehenderentes nos seguintes casos:

TUBERCULOSE
ANEMIA
CHILORO-ANEMIA
FLORES BRANCAS
FADIGA CEREBRAL
HYSTERISMO
NERVOSO
VERTIGENS
BRONCHITES CHRONICAS
PALLIDEZ
IMPOTENCIA

INSOMNIA
PALUDISMO
PERDAS SEMINAES
CONVALESCENÇA
MAGREZA
DORES DE CABEÇA
FALTA DE APPETITE
FRAQUEZA GERAL
SUORES NOCTURNOS
MÁ DIGESTÃO, ETC.

DYNAMOGENOL

As parturientes não devem deixar de tomar o DYNAMOGENOL, durante a ges-

tação e após a delivrance, pois assim conseguem filhos robustos e ter abundancia de leite rico em phosphato, graças a esta inegualavel preparação. Um só vidro de DYNAMOGENOL representa para a senhora que amamenta mais vantagens que uma duzia de garrafas d'Agua Ingleza.

Vende-se em todo o mundo! —
Deposito: Rua Sete de Setembro, 186



FOGÕES A GAZ ALLEMÃES

(De Junker & Ruh-Karlsruhe)

Com os afamados queimadores economicos paten-
teados — Esmaltados de Branco, Nickelados,
Elegantes e Solidos, Limpeza absoluta. —
Universalmente conhecidos como os
mais economicos.

Geladeiras de todos os tamanhos

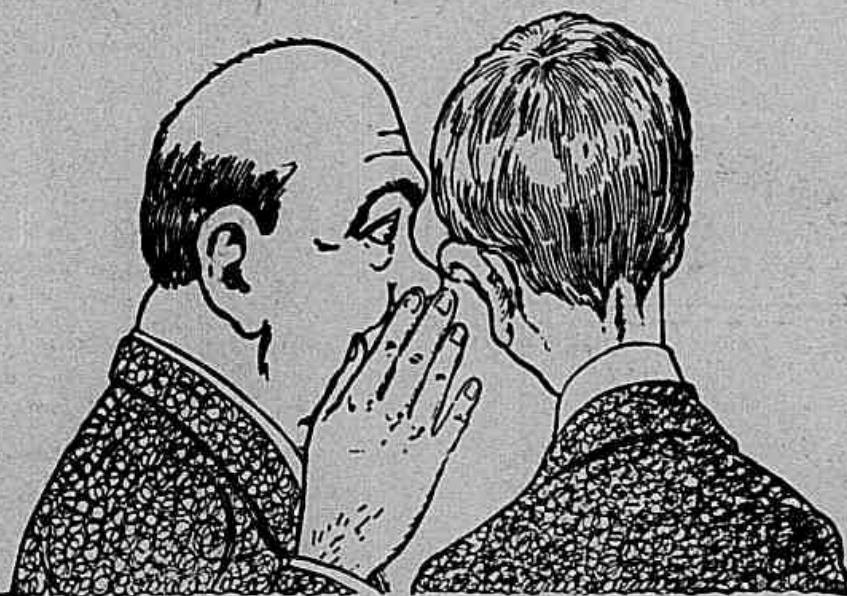
Sabonete SANITOL

é o preferido para o banho e toilette

Unicos depositarios: **OTTO SCHUBACK & C.**

Rua Theophilo Ottoni, 93

Telephone Norte 6773 RIO DE JANEIRO



FALLE BAIXO...

USE

Injecção Glycerina

de **ABREU SOBRINHO**

RUA DA LAPA, 6 - RIO



Que é a felicidade?

A felicidade é o amor. Para ser feliz, é preciso amar. Para amar, é preciso ser forte. E para ser forte, é preciso ter usado o

“SEXUOL”

Remedio providencial, de efeitos assombrosos incomparavel nos casos de Esterilidade — Debilidade sexual — Esgotamento nervoso — Fraqueza senil — Cachexia organica — Inappetencia genesica — Neurasthenia — Pouca virilidade, produzida por excessos.

Preparação opotherapica, feita segundo o methodo de Brown Sequard

Preço do tubo 10\$000

DEPOSITOS: **RIO DE JANEIRO** — Hargreaves & Cia.
Quitanda, 17
S. PAULO — Messias, Andreucci & Cia.
DROGARIA INTERNACIONAL - R. Quintino Bocayuva, 18



**BIOTÔNICO
FONTOURA**

REGENERA O
SANGUE
FORTIFICA OS
MÚSCULOS
FORTIFICA OS
NERVOS

INSTITUTO MEDICAMENTA
FONTOURA S. PAULO

O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE

Em todas as farmacias e drogarias
Depositaros. Plinio Cavalcanti & Cia.
Rua da Alfandega, 147 - RIO

Agencia de “Publicações Mundiaes” de Braz Lauria

RUA GONÇALVES DIAS, 78 — Teleph. 1968 N.

RIO DE JANEIRO — BRASIL

Sciencia do Amor.....	18500
Os segredos da geração. Como determinar o sexo na concepção segundo os nossos desejos. 2.a edição...	28000
O filho milagroso. Contos galantes.....	18000
Sciencia em familia. Collecção de curiosas experiencias ao alcance de todos.....	22500
Amar, gozar, morrer. Romance realista de Max Bois. 2.a edição.....	28000
Hygiene do Amor. Iniciação amorosa pelo Dr. Paulo Durand.....	28000
A dançarina de Pompeia. Romance de costumes antigos por Jean de Bertheroy.....	28000
Mysterios da “Seita negra” ou os Dramas Secretos dos Conventos. por Max Duriol. Edição profusamente illustrada.....	58000
Um cabra perigoso. Contos singelos.....	23000
Costumes e vícios sexuaes.....	18000
Contos bizarros, por A. Sylvestre.....	18000
Cartas de mulheres, por Prevot.....	18000
A filha do peccado. Romance.....	18500
Voluptuosidades Romanas.....	18000
Sensações — Regina de Alencar.....	38000

Romances Illustrados de Paulo de Kock a 15500

As ligas da noiva || A Filha perdida
Bella costureira || Amor e ciúme

Collecção, Garota a 200 rs.

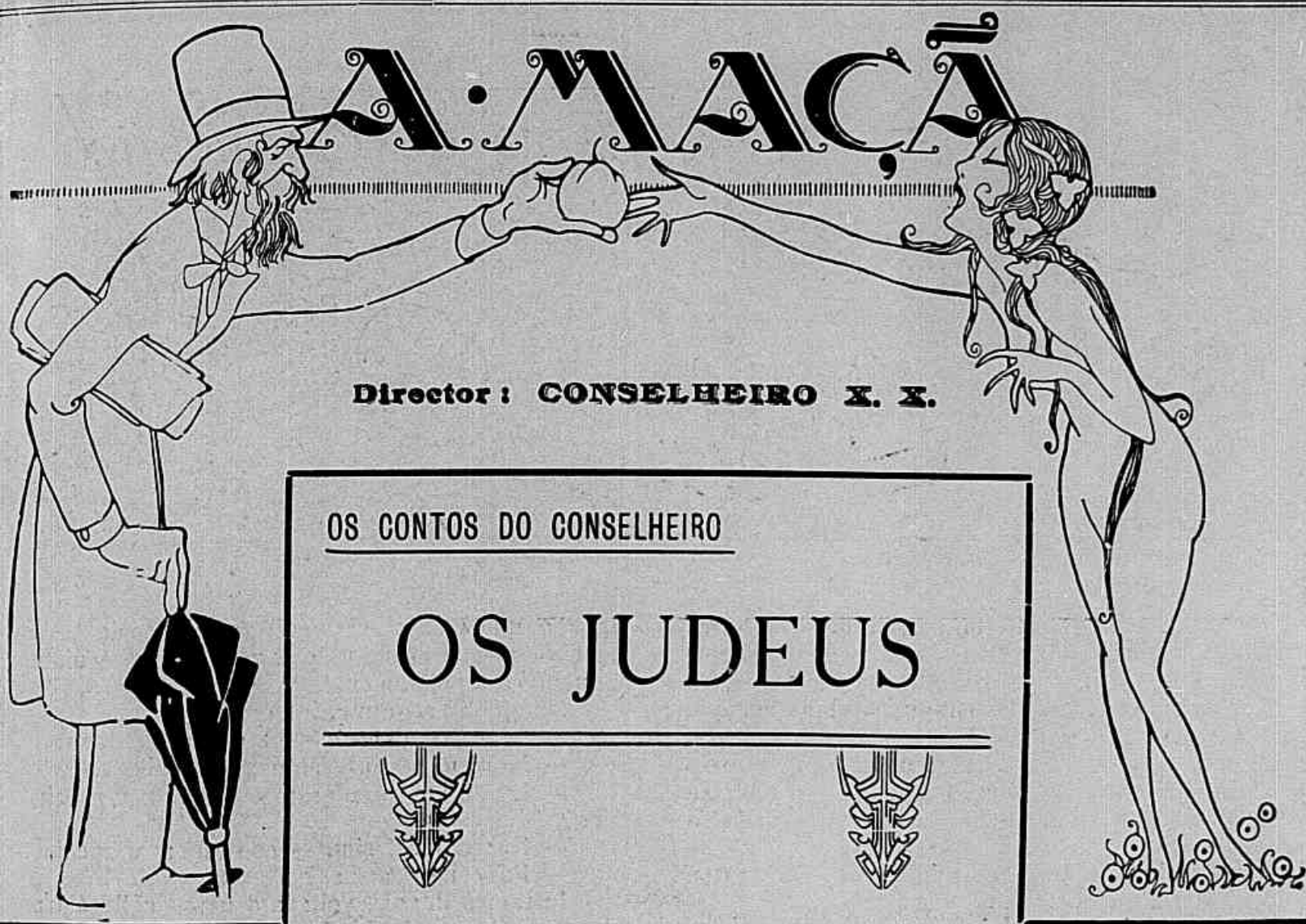
Um passeio ao campo || Uma Aventura de Amor
A cela de Cleopatra || O banho de Adulina
Eva (em espanhol) 5500

Semario festivo para crianças de 8 a 80 annos, e para idade inferior a 8 annos «Carlitos» revista recreativa e instructiva..... 2200

Pelo correio mais 500 rs. sobre os preços marcados.
Novidades por todos os vapores — revistas, Figurinos, Bordados, Jornaes e Romances de todos os generos.

NOVIDADES POR TODOS OS VAPORES. — REVISTAS, JORNAES E ROMANCES DE TODOS OS GENEROS

VENDE-SE NUMEROS ATRAZADOS D' A MAÇA.



Isaac Ben-Ackar, filho de Aarão e de Rachel Ben-Ackar, veio ao mundo em um sobradinho da rua da Alfandega, no qual o pae possuía uma pequena loja de fazendas. Tres incendios, um naufragio e quatro roubos de mercadorias que estavam no seguro, garantiram ao honrado commerciante uma velhice tranquilla, e a seu filho, que o succedeu no negocio, uma juventude próspera e uma confiança absoluta na protecção de Jehovah.

A compra de um cobertor, a prestações, os varios incidentes que sobrevieram no curso do pagamento, acabaram por estabelecer entre nós certas relações de amizade. E de tal modo essa intimidade se estreitou, que Isaac Ben-Ackar não se sentia humilhado, perante o seu Deus, em frequentar a minha casa, nem eu prejudicado, em objectos ou em dinheiro, quando sahia da sua.

Certa noite, estavamos conversando familiarmente sobre o destino melancolico do povo de Israel, quando o filho de Aarão, fazendo o elogio da sua raça, começou a contar aquella lenda judaica dos exilados, que serviu de thema poetico a uma das mais bellas paginas de Catulle Mendès.

— Na terra do exilio — começou Isaac, afagando a barba hirsuta e grisalha, — os judeus

iam, todas as tardes, para a praia solitaria, sentando-se na areia, em dolorosa meditação. As nuvens, no occidente, formavam castellos incendiados, que o vento fazia e desfazia. E elles alli ficavam até que as claridades do sol se apagavam, o que Jehovah lançava sobre todas as cousas o seu immenso manto de estrellas.

Nesse ponto, Isaac coçou a barba, com força, e continuou:

— Um dia, appareceu na terra do exilio um ancião, que se disse enviado de Jehovah, para conduzir o seu povo a Chanaan. Divulgada a noticia e o convite, os judeus se agglomeraram, todos, uma tarde, na praia, á espera do novo Moysés. Este chegou. Era um homem alto, robusto, de palavra clara e phisionomia doce. Olhos illuminados, ergueu o braço, e apontou para longe, no mar, onde as nuvens se amontoavam.

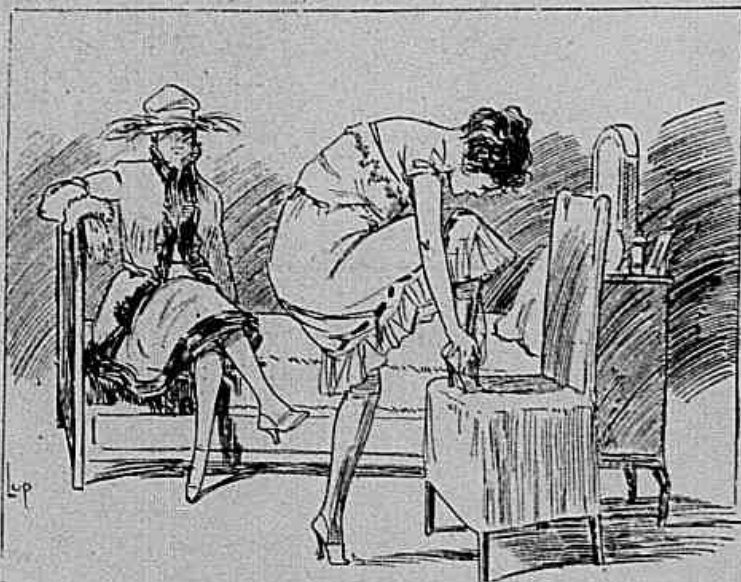
— Jerusalém brilha, acolá! — disse.

E com alegria no coração:

— Vinde commigo, filhos de Israel!

Dito isto, o ancião juntou as mãos, e, cabeça alta, passo firme, começou a penetrar no oceano. Atraz d'elle, tres a tres, iam os judeus, com a mesma confiança, a mesma fé, a mesma serenidade. Em breve, a agua attingia-lhes os joelhos, o peito, o

HABITOS MAUS



— Tú és mesmo como o meu marido.

— ?...

— Elle tambem gosta de pôr os pés nas cadeiras!

Vestidos finos

As ultimas creações
da moda parisiense para
SENHORAS e MOCINHAS

Visitem as lindas exposições
do

Ao 1º Barateiro

Avenida Rio Branco 100



MALENTENDIDO

Conto de GEORGE AURIOL

A chaminé havia fumegado todo o inverno no quarto de dormir dos esposos Wilkinson, e de tal maneira que a pintura se achava estragada quando chegou a primavera.

Como bons ingleses, que eram, e amigos do campo, o senhor e a senhora Wilkinson tinham comprado por uma ninharia aquella soberba propriedade. Depois, elles se tinham installado ali, com o seu creado, seus tres cães e seu jardineiro, espantando, com a sua originalidade, os aborígenes.

Fleumatico e amigo do whisky, pouco se incomodava mister Ralph que o forno do quarto estivesse ennegrecido, e os plinths cobertos de fuligem; o mesmo não succedia, porém, á senhora, a qual fazia questão, e questão fechada, de imprimir um bom aspecto ao seu «sweet home».

Não foi facil, entretanto, a madame, fazer vir a logar tão distante um pintor de bom gosto. Telegrammas, cartas, pedidos expressos, de tudo isso se lançou mão, e inutilmente, para conduzir ázuelle recanto de montanha um artista conhecido da casa! E foi quando não havia mais esperança, que o sr. Wilkinson concordou em mandar vir um pintor provinciano, o qual levou quarenta e oito horas a experimentar os seus pinceis, e quinze dias para apagar no forro e nas paredes do quarto os vestígios incommodos da fumaça.

Uma tarde, enfim, o quarto foi considerado prompto, com a pintura restaurada. Ajustadas as contas com o pintor, o sr. Wilkinson mostrou-se tão satisfeito, tão contente, que desceu para o salão de bilhar, e bebeu mais do que de costume. Quando subiu, toda gente dormia, na casa. Esquecido de que o leito conjugal havia sido provisoriamente mudado, penetrou o inglez no quarto pintado de novo, e tão desastrosamente, que, depois de haver pousado a mão aberta na tinta amarella da parede, foi assentá-la, suja, no azl pallido do portal. Recompondo, porém, as cousas, lembrou-se da mudança do leito, ganhando o rumo do dormitório, onde se atirou, como um porco.

Ao amanhecer, a tinta amarella, que sujava os lenções revelaram á sra. Wilkinson a extensão da catastrophe. E a sua contrariedade não foi menor, quando ella viu, na parede da «bed room», a mão de açafrão que parecia reproduzida alli pelo proprio assassino do Anão Amarelo.

Quatro a quatro, a previdente senhora desce as escadas, e, horror! o pin-

tor acabava de partir.

Embora de «peignoir», pediu a sua bicycleta, escanchou-se nella, e foi tão feliz, ou tão ligeira, que, momentos depois, alcançou o artista, o qual atravessava o bosque, pelo caminho que ia dar á estrada de ferro. Sabendo que o rapaz não era dos mais amáveis, achou a ingleza que devia ser graciosa com elle. E foi com um sorriso gentil que o abordou:

— Partiu tão cedo, hoje, de manhã... Por que não se despediu... Não sabe que isso não se faz?

— E' que estão me esperando na minha casa, — respondeu o pintor, secco.

— Oh! — insistiu ella, maneirosamente, — mas não era preciso tanta pressa! Eu gostaria tanto que voltasse á minha casa, por um instante! E' preciso que entre no meu quarto, para ver onde meu marido poz a mão, hontem á noite, antes de dormir...

A essas palavras atrapalhantes, o pintor ficou quasi tão azul como a sua pintura. Casado há pouco tempo com uma rapariga encantadora, não a tinha enganado, ainda, uma só vez. A idéa, pois, de fazel-o com uma ingleza, parecia-lhe tão impossivel como uma viagem ao pólo. E foi por isso que recusou, arranhando a cabeça:

— Eu não posso, não senhora...

— Oh! pôde sim! E' preciso que o senhor faça direito o que meu marido estragou, hontem á noite...

De azul, que estava, o rapaz tornou-se amarelo.

— E' impossivel, — insistiu elle; — eu sou casado!

— Não faz mal, — teimou mrs. Wilkinson; — a sua mulher pôde esperar...

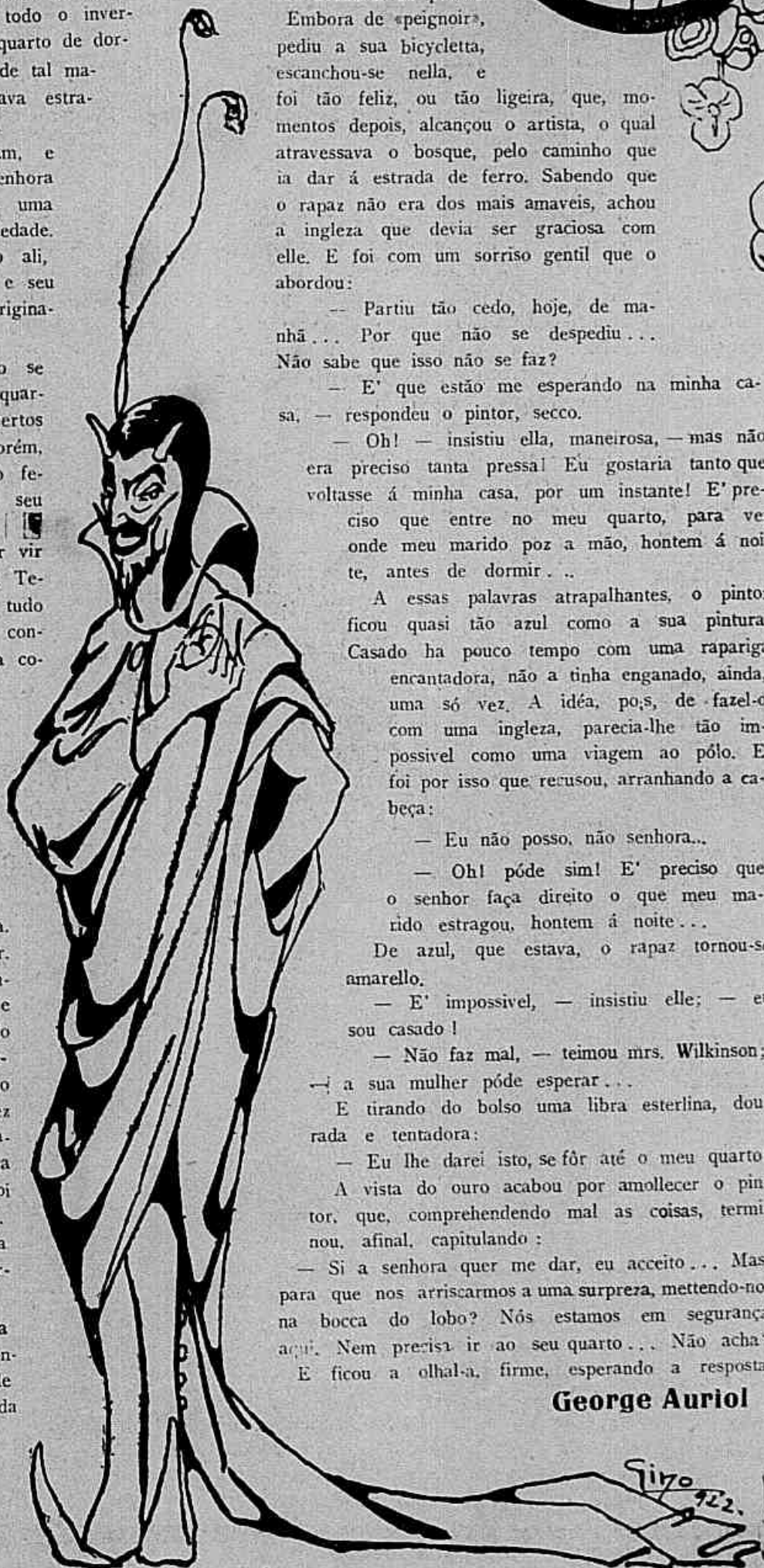
E tirando do bolso uma libra esterlina, dourada e tentadora:

— Eu lhe darei isto, se fôr até o meu quarto!

A vista do ouro acabou por amollecere o pintor, que, comprehendendo mal as coisas, terminou, afinal, capitulando:

— Si a senhora quer me dar, eu acceito... Mas, para que nos arriscarmos a uma surpresa, mettendo-nos na bocca do lobo? Nós estamos em segurança aqui. Nem precisa ir ao seu quarto... Não acha? E ficou a olhá-la, firme, esperando a resposta.

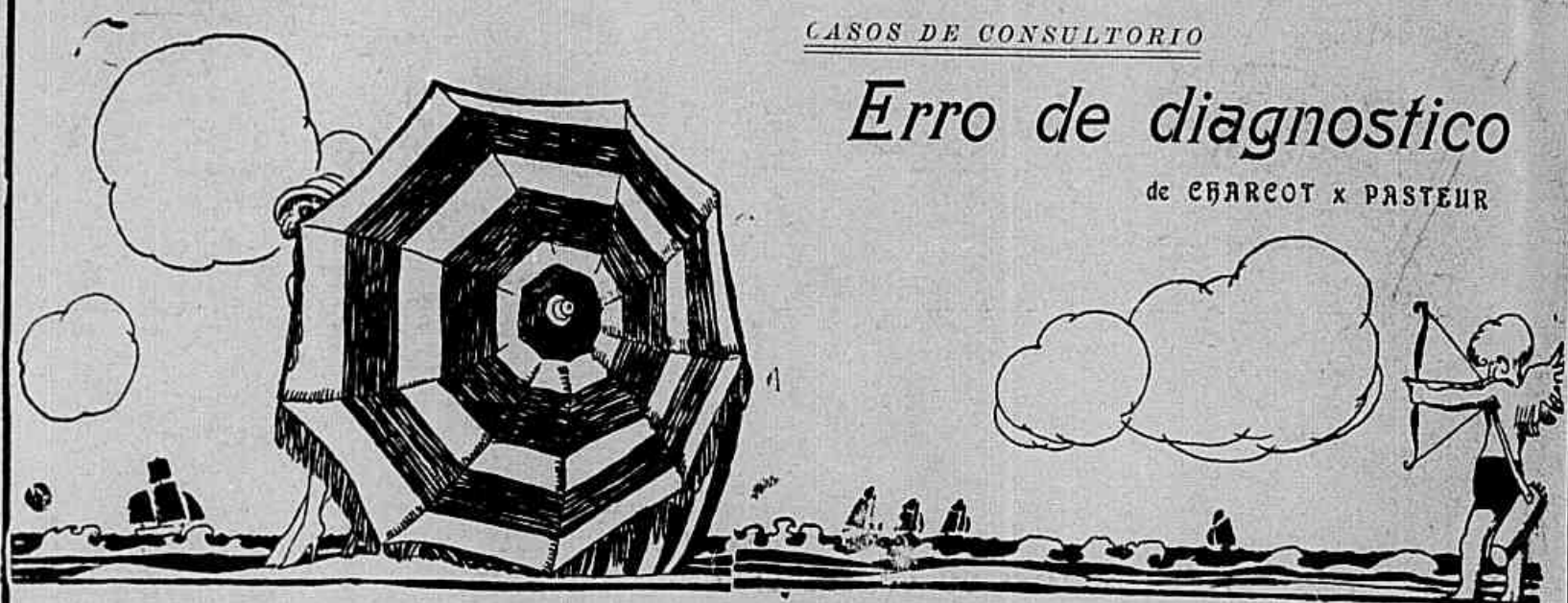
George Auriol



CASOS DE CONSULTORIO

Erro de diagnostico

de CHARCOT x PASTEUR



A Avenida Central estava numa das suas horas de maior movimento, quando os transeuntes começaram a agglomerar-se no canto da rua Sete, interrompendo a circulação. Ninguém sabia o que era. Prophetas occasionaes asseguravam, entretanto, tratar-se de um desastre de automovel, e, outros, de um pugilato entre jornalistas, que são a classe mais bellicosa da cidade. Afinal, um cavalheiro explicou:

— Foi um inglez que cahiu, de repente, na rua. E não ha um medico para soccorrel-o!...

Essas palavras parecia que nos eram dirigidas, e isto bastou para que corressemos, os dois, na direcção do sinistro, afim de prestar, se necessarios, os nossos serviços.

Alli chegados, verificamos que o homem já havia sido soccorrido pelo nosso eminente mestre dr. Austregésilo, que ordenára á Assistencia:

— Podem leval-o. O coração funciona bem. E' um caso passageiro.

Aos nossos olhos, aquella affirmacão parec'a arrojada. O homem não tinha pulso, não respirava, apresentando, mesmo, todas as manifestações da cadaverizacao recente. O mestre havia, porém, dito que o coração ainda funcionava, e isso foi bastante para que nos interessassemos pelo caso.

Posto o enfermo na padiola, chegamos o ouvido ao seu peito. E, de facto, notámos a pulsação cardiaca, de 60 por minuto. Deixamol o, porém,

ir, não, no entanto sem pedir ao medico da Assistencia que nos permittisse ir ver, no dia seguinte, aquelle caso phenomenal.

Na manhã seguinte, fomos.

— O nosso doente? — perguntamos, logo.

— Morreu! — informou-nos o collega.

— E não lhe guardaram o coração, para estudos?

— Guardamos, sim, — confirmou o medico.

— Póde mostrar-nos?

Instantes depois, voltava o nosso collega, trazendo suspensa dos dedos uma corrente de platina, da ponta da qual pendia um relógio Pateck, de ouro, com seis diamantes, corda automatica, movimento para 48 horas.

— Aqui o tem, — disse-nos o confrade, rindo.

E ante a minha estupefacção:

— Estava no estomago da victima. O desgraçado o havia engolido.

— E como o collega attestou o obito? — indaguei, num

pensamento de vingança.

— Ora!... Ora!... — fez o doutorsinho, zombateiro.

E com a maior simplicidade deste mundo:

— Attestei... indigestão!

Charcot & Pasteur

pescoço. O ancião e os tres rabbins que iam na frente, desapareceram. O mesmo succedeu aos que iam logo atraz. E, assim, tres a tres, até o ultimo, deixando a praia, para sempre, deserta...

Isaac Ben-Ackar ia enxugar, ao termo da narrativa, a primeira lagrima desinteressada que chorara na sua vida, quando o seu filho menor, o Daniel, de sete annos, que se achava presente,

e ouvira tudo com attenção, o interrompeu, curioso:

— Papae, você me diz uma cousa... Diz?

E, muito vivo, os olhinhos muito arregalados:

— Quem foi que atirou o tostão no fundo do mar?

X. X.

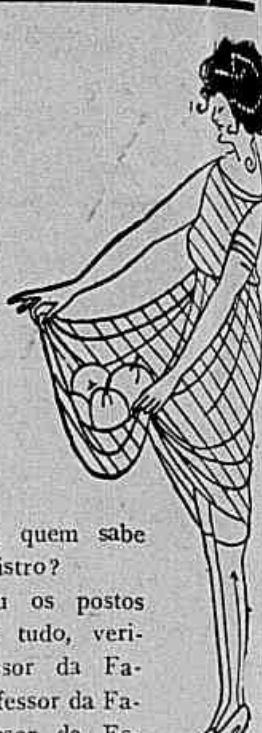
FIGURAS NACIONAES



MAURICIO DE MEDEIROS

FIGURAS NACIONAIS

MAURICIO DE MEDEIROS



Quando, em 1910, Medeiros e Albuquerque embarcou para a Europa, em uma das suas correrias galantes através da vida e do mundo, notaram os admiradores do grande escriptor que a sua penna havia sido substituída, na secção diária da «Noticia», por um pseudonymo vago, que emitia, também, conceitos curiosos. Não era um estylista, nem, igualmente, um pensador profundo; sentia-se, porém, no prosador mysterioso, o tacto seguro das cousas; e uma habilidade no sophysma como só a possuía, no Brasil, o jornalista em viagem.

Pouco a pouco, foi se sabendo quem era.

— E' o Mauricio de Medeiros! — informava-se.

— Filho do Borges de Medeiros?

— Não; irmão do Medeiros e Albuquerque.

Rebento mais novo de um casal honradamente prolifico, nasceu Antonio Mauricio de Campos Costa Medeiros e Albuquerque no Recife, no anno de 1878. Era um pirralho fino, comprido, moreno, e de uma pallidez impressionante, que contrastava, apenas, com o seu appetite insaciavel.

Nunca se tinha visto, realmente, no Recife, creança mais gulosa. Confiado a uma ama nacional, era uma difficuldade convencer-o de que se devia contentar apenas com um bico de seio: o menino queria, por força, mammar nos dois ao mesmo tempo, e, ainda, estender a mãozinha meuda e babada, para alcançar o das senhoras que se achavam por perto.

O nome que trouxe no calendario, ao vir ao mundo, era Mamede. Parecia uma predestinação. A sua mania de aposar-se de varios peitos de uma vez era, porém, tão intensa, que as senhoras da familia não se cançavam de protestar:

— Meu Deus, que mau vicio!...

A continuidade dessa frase, e a repetição d'esse «mau vicio», foi, assegura-se, o que deu ensejo á substituição na pia baptismal. Mauricio, ou «mau-vicio», era uma questão de letras. E como o garotinho não protestasse, ficou, mesmo, com este ultimo nome, que havia de ser tão famoso, mais tarde, na politica brasileira.

Aos tres annos, a mania do leite, que tanto bem lhe fizera, foi substituída por um egoismo intoleravel, em relação aos brinquedos. E elle queria manejar tudo, ao mesmo tempo: o cavallinho de pau, a peteca, o polichinello, a gaita, o balão, o tambor e a espadinha de flandres, e isto sem se atrapalhar, preterindo um em beneficio dos outros. E quando não conseguia esse milagre, desatava a chorar, num pranto inconsolavel.

Matriculado em uma escola do bairro Santo Antonio, principiou, logo, por uma formidavel maxinifada: estudava, ao mesmo tempo, o portuguez, o francez, arithmetica, geographia, physica, historia natural, historia universal, chimica, volapuck, allemão, grego, tachigraphia e prendas domesticas. A' noite, para repousar o espirito, aprendia musica, matriculado na banda «Pingos de Prata», na qual tocava, sem se atrapalhar, flautim, bombo, trombone, clarinetta, saxofone, caixa, triangulo e piston. Vem d'ahi a sua fama de homem dos «sete instrumentos», embora os seus sete instrumentos fossem mathematicamente oito.

Já rapazola, transportou-se Mauricio de Medeiros para o Rio de Janeiro, onde já estava o irmão. A medicina, o direito, a engenharia, o commercio e o jornalismo, tentavam-no, ao mesmo tempo. Estudioso, com a paixão da minucia, fez-se bacteriologista. O seu curso foi notavel, e os seus exames constituem, ainda, uma tradição da Faculdade. Uma cousa, apenas, tólda, ainda ho-

je, o brilho do seu passado academico: a mania de disputar todos os logares que vagavam na Escola.

Certo dia, sendo director interino da Faculdade o dr. Augusto Brandão, falleceu o porteiro do estabelecimento. O ajudante d'este correu a pedir o logar.

— Ah, filho, — lamentou o velho professor; — você podia ser nomeado; mas, quem sabe se o Mauricio já não foi pedil-o ao ministro?

De uma actividade assombrosa, galgou os postos que pretendeu. E, um dia, ao balancear tudo, verificou que era, simplesmente, isto: professor da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, professor da Faculdade de Medicina de Nitheroy, professor da Escola Pratica de Agricultura, professor da Escola Normal, deputado federal, deputado estadual no Estado do Rio, jornalista, director do seu laboratorio de pesquisas, politico em actividade, e candidato, ainda, a todos os logares que apparecem, e que estejam por apparecer.

Quando o Brasil declarou guerra á Alemanha, e se cuidou da organização immediata de uma missão medica, estava Mauricio de Medeiros sobre-carregado de empregos. Candidatou-se, porém, ao logar de medico, e seguiu para a Europa, com o posto de tenente-coronel. Em viagem, adoeceu de grippe, varias pessoas da tripulação. Afflicto, Nabuco de Gouvêa, chefe da missão, reúne o pessoal, para combater a epidemia.

— E o Mauricio? — indaga — onde está o Mauricio?

Como ninguem o encontrasse, Nabuco de Gouvêa procurou o commandante.

— E' um moço moreno, de bigode preto? — indagou o marujo.

— Sim, senhor.

— De olhos?

— Sim, senhor.

— Ahn! Esse está lá embaixo.

E explicou:

— E' um que «cavou», hontem, o logar de piloto, e está «cavando», agora, o de segundo cosinheiro!

O melhor de tudo, é, porém, que Mauricio não disputa senecuras: disputa empregos. Disputa-os, e trabalha, cumprindo rigidamente o seu dever. Não tem uma hora, um instante, um minuto de repouso. Pasta debaixo do braço, repleta de papeis, percorre a cidade de ponta a ponta, exercendo as funcções mais diversas. E quando levanta a cabeça, é... para arranjar outro emprego.

Deputado federal, foi na Camara, dos mais activos e brilhantes. Certo dia, acabava de discursar, quando Julião de Castro lhe communicou:

— Sabe quem morreu? O papa Benedicto XV.

E Mauricio, distraído:

— Com quem se «cava» isso?

Ultimamente, com a eleição de Raul Fernandes para o Estado do Rio, appareceu, alli, como secretario-geral. E tão querido era, e tão conhecido, que as manifestações, os telegrammas, as visitas, tudo era para o secretario, enquanto o presidente Raul se afundava no porão do palacio, fumando displicentemente o seu cigarro e tomando, encolhido, a sua água carmelitana.

— E' uma «baratinha» que tem motor de camião! — definem os que o conhecem.

E é isso mesmo. Si todos os brasileiros fossem como Mauricio de Medeiros, tudo, neste paiz, estaria mais adeantado,—embora as funcções publicas, estivessem, todas, nas mãos de quatro ou cinco pessoas.

Rodin



O CRIME DO FILOMENO

CONTO DE JOÃO FORTUNATO

O antigo tribunal do jury, com o seu aspecto de pardieiro, regorgitava de curiosos, naquella quente tarde de Março. Os jornaes haviam annuciado para aquelle dia o julgamento de Filomeno de Queiroz, o conhecido bohemio carnavalesco, frequentador equivoco dos cafés nocturnos, e, não só o criminoso, como o crime, despertaram o interesse geral. O caso constituiria um escandalo, que a imprensa explorára fartamente, de modo que era com anciedade crescente que se esperava o desenlace daquelle drama.

Justa ou injustamente, era Filomeno accusado de haver abusado de uma senhorita, creaturinha de menor idade, que pernoitára no seu lar, a convite da esposa do criminoso. Tinham estado as duas em um baile, quando, já em casa, sentiram a entrada do bohemio. E foi ali que se deu a desgraça, que a menina confessou ao pae, duas semanas depois.

— E' um bandido! — affirmavam alguns expectadores do julgamento, antes da chegada do réo.

— E' uma exploração com o pobre rapaz! — opinavam outros. — Fazem isso porque elle é dos 'Tenentes'!

O borbórinho crescia, como de uma abelheira alvoroçada, quando o juiz subiu o estrado, com a sua toga e o seu gorro, e fez soar a campainha. O advogado e o promotor assumiram os seus postos, e o réu, mandado vir, deu entrada no salão, entre dois soldados, a barba-crescida, os olhos baixos, a phisionomia de soffrimento.

— Como elle está abatido!... — diziam uns.

— Parece um defunto!... — opinavam outros.

Filomeno estava, realmente, acabadissimo. Os olhos negros, que fizera tantas conquistas, moviam-se agora no fundo das orbitas, que a insomnia arroxeara. A cabellei-

ra negra, e farta, pontilhava-se agora de fios brancos, assignalando uma velhice precoce.

Aberta a sessão e lido o processo, pediu o réo que, pela ultima vez, lhe permitissem falar. Ia dizer, enfim, a verdade. Depois, que a justiça o julgasse, como bem entendesse.

E, de pé, as mãos apoiadas numa cadeira que lhe chegaram para perto, começou a falar, a voz pausada, mas segura:

— Senhor juiz: tudo o que está nos autos é verdade. Minha mulher tinha ido a uma festa, e trouxera de lá, em sua companhia, a moça que me accusa. Havendo falta de cama em nossa casa, metteram-se as duas em meu leito de casal, e dormiram. Quando eu cheguei, alta madrugada, atirei-me na mesma cama, entre as duas. E foi quando se deu a desgraça, que eu confesso, mas de que não tenho a culpa.

A multidão ouvia, attenta, o criminoso. Senhoras afflictas, abanavam-se. O proprio juiz estava espantado com o imprevisto da defeza, quando indagou:

— Mas, o quarto não tinha luz, quando o réu entrou.

— Todas as lampadas estavam accessas, — confessou Filomeno.

— E não viu que estavam duas senhoras no leito?

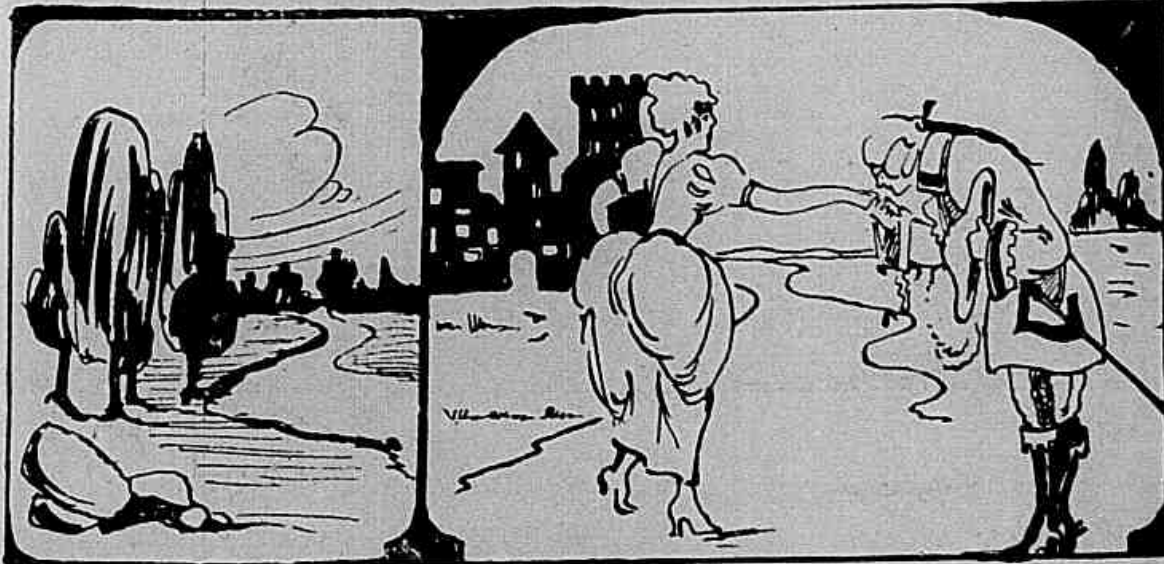
— Vi, senhor juiz. Mas, eu já não confessei, nos autos, que havia me excedido nas bebedas, nessa noite?

E antes de qualquer resposta:

— Pois, então? Eu, quando bebo, começo a ver tudo dobrado: dois côpos, dois pôstes, dois bondes, duas garrafas. Vi duas mulheres na minha cama; pensei que eram uma só. E ali está o meu crime.

E sentou-se, calmo, esperando a absolvição.

João Fortunato



O JUJUBA

Honório Bécia era tido e havido, no arraial do Chapéu, hoje São José do Morro Agudo, como o typo mais acabado do simplório. Não obstante essa qualidade, arranjava bellas sahidas e tinha passagens soberbas. Certo dia, — quando, não vem ao caso, — Honório se amarrou, de pés e mãos, ao póste do casamento. A Sinh'Anna Candida, moça trabalhadeira e, simultaneamente, resadeira, — qualidades essas aparentemente antagonicas, mas que, na realidade, não se repellem, — foi a escolhida. Amarraram-se, festaram e... lá foram cuidar da vida, na roça do Honório.

Passaram-se os mezes, um anno, e, inesperadamente, num risinho domingo, depois da missa, o Honório surgiu na botica do Nélico. Lá estava a rodinha chronica e classica: — o Manoel Lourenço, o padre Mansuetto, o Zé Nobre, o Domiciano e o Nélico, discutindo politica e jogando damas.

Rodearam logo o recém-vindo, enchendo-o de mil abraços e outras tantas perguntas, até que o Nélico, vellicamente, encaminhou a conversa para o casorio:

— E como vai você, «seu» Honório, de vida de casado?

— Chiii, como Deus com os anjos. Bem até dizer chega... Sinh'Anna é de se louvar a Deus com as mãos postas...

— Uma cousa: que tal foi o casamento?..

— Que tal? !.... Como? !....

— Você passou um mau bocado aquelle dia hein?...

— Qual... nem tanto... assim, assim...

— Conte lá, conte

lá, — pediram todos, menos o padre, que, de nariz torcido, já esperava alguma de arrepiar couro, pois de cabelo elle havia muito não dispunha.

— Eu me casei no dia 9 de Janeiro, um dia abençoado por Deus Nosso Senhor...

E o Honório respeitoso, tirou o chapéu.

— Casei de tardinha. «Seu» vigário, ali, me fez um sermão tão lindo, tão cheio de tristeza, que até chorei. Elle falou de Deus no meio do paraizo, de Adão e Eva fazendo a primeira familia, de Nossa Senhora, dos homens que devem amar as mulheres...

— Sim, e depois?...

— Depois fomos jantar... «seu» vigário também...

— Depois?...

— Ah, depois, veio o baile. Dançaram que não foi vida... Só eu não dancei.

— Para não cançar o corpo, bem sei. E depois?...

— Eh, eh, depois cada qual tomou seu rumo...

— Mas, depois?...

— Depois, eu e a Sinh'Anna fomos sosinhos p'ra o quarto...

— Sim, e depois?...

Honório coçou a orelha, olhou resabiado para o lado do padre, que assobiava muito desentendido, tirou o chapéu, cuspinhou para a esquerda...

— Oh, homem, e depois?...

— Ah, depois?... Depois, no dia 9 de Outubro, nasceu o Jujuba!...

O assobio do padre desafinou.

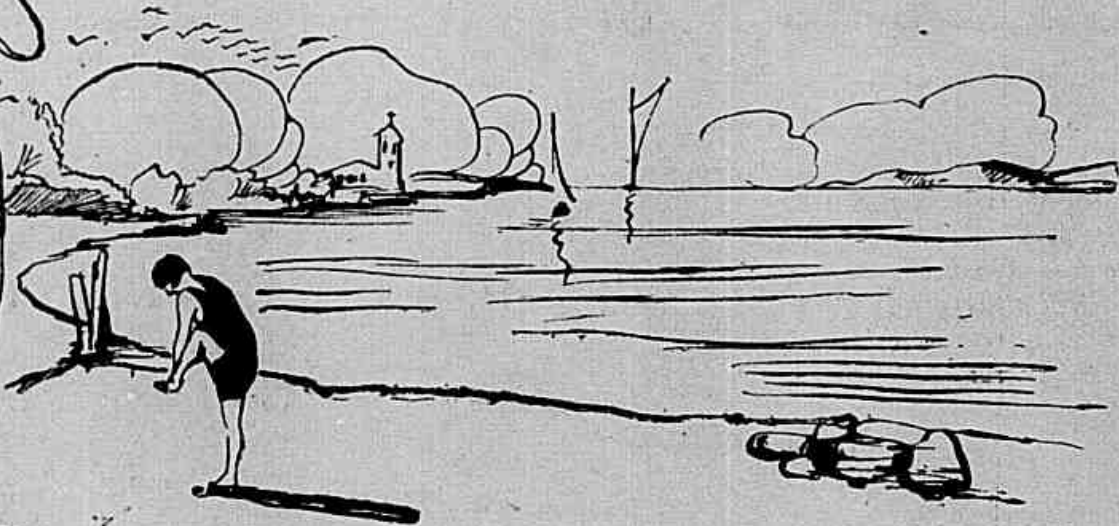
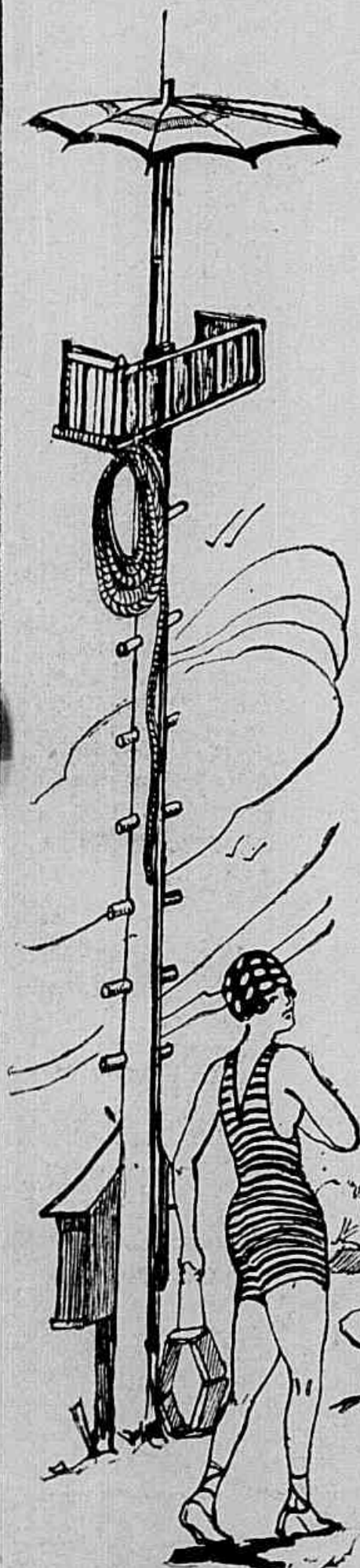
Jauier

PARA MOLESTIAS DA PELLE



LU-GO-LI-NA

Dr. Eduardo França



Os mestres do humorismo

Causa mechanica

Porque mollo o cão agita o rabo ?
Pergunta Mr. Show, um grave inglez
A um sujeito que arrota orgulho e gabo
De saber tudo e fala como tres.

— Ora, diz este, sem maior exame
Dou-lhe a razão mais clara do que o dia :
Se o cão o rabo agita, espanta o enxame
De moscas que o arrelia
Clarissimo, pois não ?
— Perdão !

Torna sorrindo Mr. Show, mas quando
Moscas não ha, nem ha sequer mosquito,
Ve-se o cão agitando
— Da mesma sorte o rabo

— Deveras é exquísito,
Torna o sujeito ; e, de um minuto ao cabo,
Confessa francamente
Que não acha razão mais concludente.
— Pois o mollo exacto eu dar-lh'o vou,
Diz Mr. Show
Fleugmaticamente :

Pelas leis da mechanica se explica
Este caso commum aos animaes,
Que a muitos outros, como ao cão se applica :
O cão agita o rabo porque é mais
Pesado do que o rabo... eis a razão ;
Se o contrario se dêsse e se o animal
Fosse mais leve do que o rabo, então
Era fatal
A conclusão :
Seria o rabo que agitava o cão.

Rastos Tigre



A SURPRESA

Conto de JOB VIANNA



Não havia casa de costumes mais sérios, mais graves, mais austeros, do que aquella, em que o commandante Paulino Taveira, antigo official de Marinha, vivia ha trinta annos, com a sua velha companheira de mocidade. Atravessavam os dois a velhice em perfeita calma, sem ciumes, sem cuidados, sem desconfianças. Aposentado ha alguns annos, o antigo marujo vivia dos seus vencimentos, e não sabia jamais, sosinho. Como, porém, se habituára a dormir tarde, deixava-se ficar na sala de jantar até as onze horas, quando Dona Mathilde já andava, mais ou menos, pelo meio do segundo somno.

Certo dia, começou a matrona a desconfiar da criada, que dormia no aluguel, a qual andava tão alegre, tão risonha, e cantarolando de modo invulgar. Certo, a rapariga tinha algum namôro, que só podia ser com o quitandeiro, com o padeiro, ou com o caixeiro da venda, que eram os únicos homens que atravessavam, casa a dentro, o batente do portão.

Disposta a apurar semelhante indignidade, levantou-se Dona Mathilde uma noite cerca de onze horas, e, atravessando a sala de jantar, onde o commandante lia um jornal

da noite, encaminhou-se, sem ruido, para o quarto da criada, nos fundos da casa. Havia luz, e a boa senhora bateu, com os nós dos dedos, na folha da porta.

— Pode entrar... — respondeu de dentro, numa vozinha flebil, a rapariga.

Empurrada a porta, Dona Mathilde deparou um quadro inesperado. Estirada na cama, a creadinha estava embrulhada até a cabeça, como uma de unta. Estranhando aquella falta de respeito, aquella indiferença pela sua pessoa, a matrona approximou-se do leito de ferro, e, indignada, protestou:

— Maria, que é isso? É assim, então, que você me recebe?

Ao ouvir a voz da patrãoa, a rapariga deu um pulo, pondo-se de pé, no meio do quarto. E foi com os olhos de espanto, de susto, de surpresa, que juntou as mãos, gemendo:

— Perdôe, Dona Tidinha! Perdôe!

E com a sinceridade estampada no rosto:

— Eu pensava que era o patrão!...

Job Vianna

O DOTE



— Fui roubado, sabes? Quando me casei contigo, não trouxeste, sequer, um vintem!...



A OFFERENDA



AUTORES THEATRAES



J. PRAXEDES

Autor da revista **Etc. e tal**...., que está sendo levada, com successo, no São José

Humoristas Estrangeiros

O Armario Henrique II

Conto de ALPHONSE ALLAIS

Havíamos chegado, no almoço, a esse momento em que se produz, ordinariamente, a explosão dos sentimentos generosos. Era uma reunião alegre de amigos, portugueses todos, os quaes, segundo um proverbio arabe, constituem uma raça que não conhece, jamais, a melancolia. Havia alli o major Salles, Thimotheo Damaso, a sra. Parentes, os companheiros Sinon e Vero e Bene Tróvato; quanto a francezes, o capitão do navio Daulot, e eu.

A conversação recahiu sobre os horrores do commercio de escravos, e todos os presentes manifestaram a sua aversão a esse trafico. O capitão Daulot, unicamente, parecia estranho ao assumpto.

— E ao senhor, capitão, — exclamou a sra. Parentes, — não revólta, como a nós outros, a noticia desses horrores commettidos na Africa, com a venda de gado humano?

— Perdoae, minha senhora, — observou o marujo; — horroriza-me, como a qualquer pessoa, tudo isso. A minha conducta passada impede-me, entretanto, de anathematizar os mercadores de escravos; pois, aqui onde me vêdes... eu já vendi um homem!

Essa triste evocação não parecia torturar muito o honrado marinheiro, pois rebentou, logo, numa gargalhada gostosa, em que não havia a menor sombra de remorso.

— O senhor, capitão?... A honra da marinha franceza!... O senhor vendeu um homem?

— Sim; vendi um homem! — confirmou Daulot, com accento jovial.

— Em Africa?

— Em Africa, não. Em França.

— Em França?...

— E em Paris, mesmo.

— Que diz? Em Paris?

— Sim, senhores. No mercado, na rua Drouot.

Suspeitando que o nosso amigo queria zombar de nós, alguém exclamou:

— Capitão, nós estávamos conversando a sério...

Sem interromper o que dizia, nem responder a apostrophe, Daulot insistiu:

— Sim, senhores; eu vendi um homem, no mercado, em Paris. Não foi uma operação vantajosa, visto que sahi perdendo 350 francos; mas asseguro-vos que me diverti immensamente.

Um ponto de interrogação se desenhou na phisionomia de cada um de nós. E foi para attender ao

seu, que Mme. Parentes pediu:

— Conte-nos isso; conte-nos!

— Faz isso tres annos, — começou o official, cruzando a perna, para iniciar a narrativa. — Regressava eu do Senegal com seis mezes de licença para tratamento de saúde, e estava disposto a aproveitar convenientemente esse tempo, que o destino acabava de valorizar pondo-me nas mãos a herança de um parente longinquo. Para isso, aluguei, á rua Brenontier um lindo segundo andar, que mobiliei com elegancia, e preparei-me para entrar alegremente na vida que me traçara. Certo dia, no Jardim de Paris, conheci uma joven que me agradou enormemente. Estabelecidos os primeiros conhecimentos, contou-me uma historia longa, de que, como era natural, só acreditei a metade. Era — dizia ella, — filha de um general, casado pela segunda vez; madrastra ciumenta; desgostos diversos; existencia impossivel; fuga do lar paterno; desventuras; miséria; idéas de suicidio... E todo o relato acompanhado de lagrimas, que ella enxugava com um lençinho bordado, de que se evolava um perfume de preço.

Adivinhaes o resto, naturalmente. Installei-a na minha casa, pondo ao seu serviço uma criada gentil, e assim transcorreu uma temporada de absoluta felicidade. Deixava-a só durante o dia, e parte da noite, quando ceávamos, indo, depois, a um theatro, a um concerto, ou a qualquer outra diversão. Ella parecia sentir por mim uma paixão violenta, e não se cançava de dizer-me:

— Quando me abandonares, juro-te que me matarei!

Aquelle amor tão ardente começava a inquietar-me, quando, uma noite, a criada me entregou um bilhete, pedindo-me que não o lêsse antes de ficar só. Dizia assim o escripto:

«Senhor tenente. — O senhor não imagina como a senhora o engana. Quando o senhor se retira, ella recebe um rapazola de mau aspecto. Si o senhor volta de improviso, o rapazola é mettido no armario Henrique II que ha no salão. A senhora dá volta á chave, e guarda-a no bolso. Como o armario é grande, o rapaz póde passar alli bastante tempo, até que o senhor se retira. Querendo surprehendel-os, a hora mais segura é ás duas da tarde. — Maria.»

Apezar de não crer em tamanha infamia, ás duas em ponto estava eu em casa. A mimica expressiva da criada me fez ver que eu chegava á hora opportuna. He-



O HUMORISMO NOS ESTADOS

S. PAULO

MEMORIAS DE UM MONOCULO

Morri hontem ou, melhor, estilhaçou-me um gesto desastrado do meu dono. Curvou-se, no baile de Madame Burgos, para saudar Myriam; o idiota — porque positivamente meu dono era um idiota — quiz ser brummesco no gesto; tinha a pelle suada e eu escorreguei, partindo-me de encontro ao sólo.

Não pude vêr o nariz ridículo e pasmado do meu dono: estava morto... Os vidros morrem quando se partem; assim tambem morreu o vaso de Sully-Prudhome, vaso que se partiria fatalmente, tantas foram as legiões de recitadores que lhe quebraram a graça e os versos.

Nunca pude, em vida, descobrir minha utilidade. Meu dono tinha uns olhos de lynce, e eu não tinha gráu algum. Não corrigia daltonismos nem crepusculos miopes de cegueira... Era, pois, um motivo ornamental e frívolo, engastado naquella face glabra, como um vitral byzantino na frente de uma igreja. Minha função era emprestar impertinencia á vaidade vazia do meu amo; não sabendo ser outra cousa, fizera-se pedante. Eu, retulo e redondo, emprestava meu brilho á sua pupilla apagada. A sua personalidade era pois, de empréstimo; estava toda na faisca do crystal, que constituia meu corpo.

Assustava as pessoas da plebe: passando o pasmo, a escumalha da sargeta vingava-se de nós, vaiando a mim e a meu dono. Nos salões porém, eu thronejava deliciosamente insolente e escandaloso. E, quando me fixava numa espadua nu'a, ou no cinto de uma casaca mal cortada, eu perdia meu prestigio de Argus; acanhava com a tonia faiscante do meu brilho o canhestrismo do alfaiate ou a magreza da espadua...

Fui, pois, de uma inutilidade perfeita e fútil. Entretanto, si tivesse que escrever minhas memorias, teria elementos admiraveis para discorrer com profundidade sobre a tolice humana...

Onde passeia um monoculo, ha sempre de que se philosophar. Morto, mutilado, como esses pobres cães espostejados, sobre os quaes correu um bonde electrico, fiquei no chão encerrado a olhar, pelos pedaços de mim mesmo, a vida. Morri no meu posto de combate: num baile.

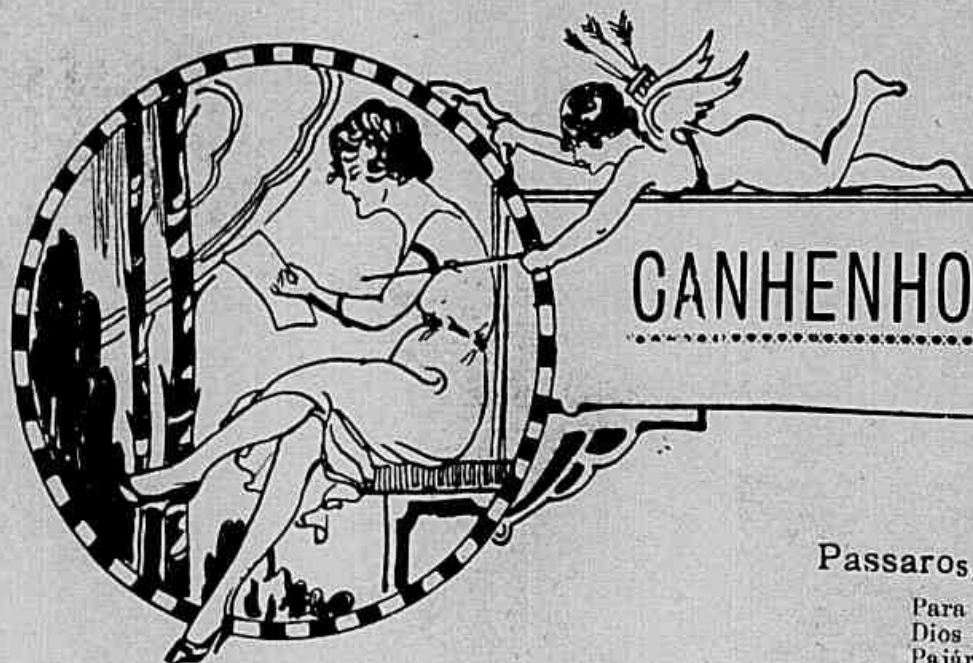
Alguem me pisonou um dos cacos acerados como uma nivalha. Triturou-o.

Era um pé de gata borralheira, galante como uma luva. E nessa agonia, que foi rapida, inda pude philosophar sobre a sorte dos homens: «Si sobre esse caco passasse um pobre esfaimado, sem dinheiro para comprar botinas, uma ferida escarlate estaria a rastrear o chão de sangue...»

Não sei si o pensamento é subtil e profundo. Que profundidade, porém, pôde ter um monoculo, si sua missão é ser frívolo?

Menotti del Picchia





CANHENHO DE RIVAROL



Passaros, flores, mulheres...

Para la vida endulzar,
Dios nos quiso conceder
Pajáros, para cantar,
Flores, para embellecer,
E mujeres, para amar.

SANMARTIN y AGUIRRE

A influencia das estações

Tem-se notado, na França, que ha estação mais favorável á fecundidade das mulheres, tomando-se para prova os mezes em que é maior o numero de nascimento. Assim, o mez de março, em primeiro logar, e, depois, os de janeiro e abril, dão frequentemente uma natalidade mais numerosa. Isso prova, evidentemente, que os mezes de julho, de maio, e de agosto, tempo de calor, são aquelles em que a concepção se torna mais facil, ou, em melhores palavras, que o estio predispõe para a multiplicação da familia. — VIREY.

O Beijo

O Psyché! quelle est la sagesse?
O Psyché! quelle est la vertu?
Posant sur mon front, sou la nue,
Les ailes qu'on ne peut briser,
Entre lesquelles elle est nue,
Psyché m'a dit: «C'est le baiser!»

VICTOR HUGO

O divorcio

O divoreio foi instituido, creio, quasi ao mesmo tempo que o casamento. Acredito que o casamento é de algumas semanas mais antigo, isto é, que se discute com a mulher ao fim de quinze dias, que se lhe bate ao fim de um mez, e que a gente se separa, enfim, ao cabo de seis semanas de cohabitação. — VOLTAIRE



Restez demoiselle!

De la souffrance maternelle,
Combien je crains l'instant fatal! —
Disait Cydalise a Duval.
— En ce cas, restez demoiselle!
— Ah! fi! ti! monsieur! — lui dit — elle!
Le remede serait pire encor que le mal!

LEBRUN

A Belleza

Si, segundo certos platonicos, a belleza é um dom de Deus, si a belleza é um circulo de que a virtude suprema é o centro, a castidade será necessariamente a companheira da belleza; e a devassidão a da feiura.

Os physionomistas affirmam, por seu lado, que é raro encontrar uma alma perfeita em um corpo mal conformado. No reino animal, a belleza é, por assim, dizer, a garantia da bondade. — J. HOUDOUY

Cont. de O ARMARIO HENRIQUE II

lena (era este o nome de minha amada), recebeu-me com o gesto sereno e o mais carinhoso dos sorrisos.

Olhei o velho armario Henrique II. A chave, uma chave enorme, de ferro fundido, não se achava na fechadura, e, graças a certas familiaridades que tive com a accusada, verifiquei que esta a trazia, realmente, no bolso.

Como me ocorreu a idéa que puz em pratica, eu proprio não sei. Pedi a Helena que fosse a uma camisaria da avenida Vilars comprar-me uma gravata, pretextando que ella, com certeza, a escolheria de mais gosto. Durante a sua ausencia, aluguei uma carroça de mudança. Ajudado de um carregador, metti no vehiculo o armario historico, e mandei tocar para o mercado da rua Drouot. Após algumas observações do dono do estabelecimento em que o offereci, o qual argumentava com a falta da chave, negocie-o por 250 francos, não obstante me haver custado 600.

Qual foi a sorte do desgraçado galan? Ter-lhe-iam

dado a liberdade ou haveria elle ficado para sempre no movel? Não me occupiei, jámais, desses pequenos detalhes, mas garanto-vos que, se algum dia me alegrei intimamente na minha vida, foi nesse dia.

Quanto a Helena, não tornei a vel-a. Ao regressar do mercado, disse-me a creadita que ella havia abandonado a casa, levando em um embrulho os objectos de maior valor, e sem fazer a menor allusão ao movel que faltava.

Desde então, eu jurei nunca mais adquirir nenhum armario Henrique II. Tenho medo de, ao abril-o, experimentar alguma surpresa.

Alphonse Alais

SYPHILIS? SÓ LUETYL

Licor — Capsula — Injecções

do pharmaceutico-chimico JOÃO DA SILVA SILVEIRA
Grande depurativo do sangue — Para syphilis e suas
terríveis enfermidades.

USAE! USAE! USAE!

EXISTIR DE
SROGUEIRA



ESTREMECIMENTO

Chronica de LILA LÊ

Alguns patriotas e educadores dos mais autorizados, costumam gritar contra a instrução ministrada em certos estabelecimentos de educação feminina, dirigidos, na sua maior parte, por freiras de outros paizes. Allegam serem as meninas, nesses collegios, desagregadas da terra natal, e a tal ponto que, concluindo o curso, falam admiravelmente o francez, ou o italiano, e desconhecem, em absoluto, o idioma natal, com o qual só vem travar conhecimento aqui fóra, na consulta aos dicionarios ou no correr da conversação. Esse facto é, mesmo, tão corrente, que o Nuncio Apostolico, em uma visita a certo instituto de ensino, protestou contra o acto das educadoras italianas, que haviam abolido alli, **comp'etemente**, a lingua portugueza.

Esse regimen tem, entretanto, as suas conveniencias. E uma destas é dar á moça, depois que sae do collegio, o conhecimento do idioma em toda sua pureza, isto é, a noção do vocabulo de accordo com a sua significação mais legitima. O caso de mlle. Antonietta Fernandes é recente, e, por isso mesmo, opportuno, e digno de ser lembrado como exemplo.

Sahida do grande estabelecimento que a detivera, interna, por cinco annos, Antonietta era uma dessas creaturinhas modelares e encantadoras, capazes de fazer a felicidade do homem mais exigente. Era linda, bôa, humilde, e, para complemento, não conhecia a lingua patria nas suas expressões correntes, mas, apenas, sob o aspecto puramente literario. E foi isso, exactamente, o que mais despertou o interesse do seu primo Carlos Sobreira, rapaz educado na Europa e que havia trazido, d'alli, uma alma verdadeiramente parisiense.

Postos em contacto no tumulto do Rio de Janeiro, viam os dois noivos como vivem, geralmente, os namorados: iam, juntos, ao cinema, ás festas, aos passeios de automovel, e isso com o applauso de Dona Leocadia, mãe da menina, que fazia o maior gosto no casamento.

Certo dia, começou a matrona a observar, na filha, uma certa mudança de maneiras. Não era mais a mesma creatura alegre, risonha, jovial. Tinha modos tristes, andava pelos cantos da casa, a mão no queixo, os olhos fundos, e um grande segredo no coração. Por seu lado, o Carlos não era mais o mesmo: apparecia mais raramente, e, quando se encontrava com a menina, era para ficar silencioso, como quem se quer ver livre, logo, daquella situação.

Impressionada com o caso Dona Leocadia resolveu interpellar a filha.

— Anda cá, diz-me emma cousa — chamou.
— Que ha entre vocês?
— Nada, mamãe! — informou a moça, baixando os

olhos, esforçando-se para não chorar.

— Não; isso, não! — tornou a matrona, experiente.

E beijando a menina, com ternura:

— Houve, entre ti e o Carlos, algum estreme-
cimento?

— Estremecimento? — repetiu a menina, franzindo a testa.

Dona Leocadia não insistiu, e Antonietta, mal se viu livre, correu, logo, a consultar o seu Diccionario, que era o de Candido de Figueiredo. Abriu-o no lugar competente, e leu, literalmente:

— «Estremecimento (estre-me-si-men-to) s. m. — acto de estremecer, estremação; agitação; tremura repentina e passageira. — Movimento convulsivo de nervos.»

Terminada a consulta, a menina corou. E foi vermelha de arrependimento e vergonha, que correu a atirar-se nos braços ma-





ANTHOLOGIA GACANTE

Do "DIARIO DE LAURINDA TELLES"



Pagina de ONDE ESTÁ A FEL CIDADE...

de Raul de Azevedo

... Como seria bom deliciosamente bom, te, a intimidade honesta de Luiz, gozar o encanto da sua presença, e ir, pela vida fóra, pelo seu braço, sem corar, amparada pela Lei!

Porque sei, adivinho, que elle me quer, e me ama, e que, por mim deixaria tudo, os seus «flirts», e as suas aventuras, aliás de dia a dia, sem consequencias. O tagarella do meu primo, o Abelardo, que está na intimidade a Luiz, conta-me a vida deste, quasi toda, e apenas para falar, falar...

A minha carne moça, orphan de beijos e de caricias bué me saibam, estua, freme, toda a vez que penso em Luiz... Sonho, acordada, com elle. Cerro os olhos, de leve. Penso... Elle dóce, macia, lembrando contactos com armicinho, fala-me, com a sua voz que deve ser muito. Tem as suas mãos nas minhas mãos, numa pressão demorada, que me delicia e entontece. Diz da sua paixão, do seu amor, quanto me quer, e me ama... Lembra os nossos raros encontros, de longe, — um vestido rôxo claro que me ia admiravelmente bem, um roseo, um azul marinho, aquelle todo branco... Agora, sentadis s dois no divan largo e fôfo, a luz da alcôva meia esbatida, numa penumbra ligeira de crepusculos, elle me enlaça pela mintura que se abandona. Sinto a pressão fortemente dóce do seu braço, a sua respiração anormal. Os nossos olhos, — uns nos outros, frente a frente, muito perto... Estão brilhantes, molhados de uma

volupia nova, sensual, de duas vidas que se entregam. E elle beija-me, ao principio de lehe, na sêda dos meus cabellos, na testa alta, nos olhos, longamente... Sinto uma sensação exquisita, deslumbradora. Passeia os seus beijos pela minha face, por todo o rosto que estua. Agora, serve-me com beijos mansos nas orelhas, nos ouvidos, na nuca... Prende-me mais fortemendonando! — e os seus labios deslisac pelos meus te a si, — e com que prazer vou me abraços, e ombros, pelo collo jarto... O «peignoir» de sêda pérola abre-se, desabotôa-se por si, com a oscillação do corpo. Saltam celeres, ávidos de liberdade, os seios rijos e pequenos, e elle deslumbra-se, e estonteia, e enlouquece, e dieja-os, com carinho, com violencia dóce, na febre do amor e do desejo! Depois, empolgados pela mesma paixão, no minuto supremo da victoria da Carne, do Coração, e da Alma, triumpho soberbo e glorioso do Espirito e da Materia, as nossas boccas se approximam frementes, os ha um quebramento de corpos moços e sadios, labios se collam num beijo longo, infindo, ardente, os corpos se estreitam e rolam no divan fôfo e macio, e se entregam, e se dão, e se fundem, numa absoluta communhão de espirito e de desejos, — na mais perfeita e na mais útil obra da Natureza, vidas que se dão para uma Vida nova!

— Mas que sonho de louca, meu Deus!

Raul de Azevedo





THEATRO BOCCACIO

COITADO DO ALCEÃO

COMEDIA EM 1.º ACTO DE JAN RICHORA

(Telephone da Light — Moveis da casa Russa — Abat-jours da casa Pharol)

Personagens: — Roberto — no-mem de letras, 38 annos. — Denise — poetisa penumbista, 30 e poucos — Telephonista).

ACTO UNICO

(No escriptorio de Roberto — Um bureau amarello, com um braço de telephone — Uma estante com livros — Um grupo)

SCENA 1ª

Roberto e Denise (pelo telephone) — Tliin!... Tlin!... Tliin!...

ROBERTO (tomando o phone) — Prompto! Quem falla?

DENISE — A amiguinha...

ROBERTO — Como?... Quem fala?

DENISE — Ora... Roberto!...

Quem falla é amiguinha.

ROBERTO — Já ouvi... mas estou no mesmo...

DENISE — Então não conhece mais a amiguinha?!?

ROBERTO (para o lado) — Sei lá!... Hoje todas ellas são amiguinhas... (voltando-se para o apparelho) — Ah!... E' você... Já sei... (para o lado) — Não sei mas é o mesmo...

DENISE — Pois é sou eu... a Denise... Conheceu pela voz... não é...

ROBERTO — E' conheci... Como se?... Boasinha?

DENISE — Ah!... Não acha mais que eu sou másinha? Sempre acabou se convencendo?...

ROBERTO — Vem á cidade hoje? A Ayenida está risonha e faiscante.

DENISE — Vou logo mais... Agora

estou acabando uma poesia para publicar na «Penumbra», no numero de sabbado... Queria ouvir a sua opinião.

ROBERTO — Sobre?

DENISE — Ora essa!... Sobre os versos que estou fazendo...

ROBERTO — Pois sim... quando acabar... me mostre...

DENISE — Preferia que dissesse alguma cousa desde já... Assim eu verei se posso continuar.

ROBERTO — Traga então...

DENISE — Não é preciso levar... Olhe... Espere um pouco... Vou ler aqui mesmo no telephone... Espere um pouco ahi...

(Pausa de 2 minutos — Roberto descansa o phone e faz gymnastica suéca desentorpecendo o braço— Retoma o phone e ouve).

— Tô páco!... Tô páco! Tô páco!

ROBERTO — Graças a Deus!... A linha está em communicação.

— Tô páco! Tô páco! Tô páco! Ziiiiiii!... Zuuuuuu!...

— O seu alfaiate veste-o mal? Nós o vestiremos bem.
— O seu alfaiate veste-o bem? Nós o vestiremos melhor...

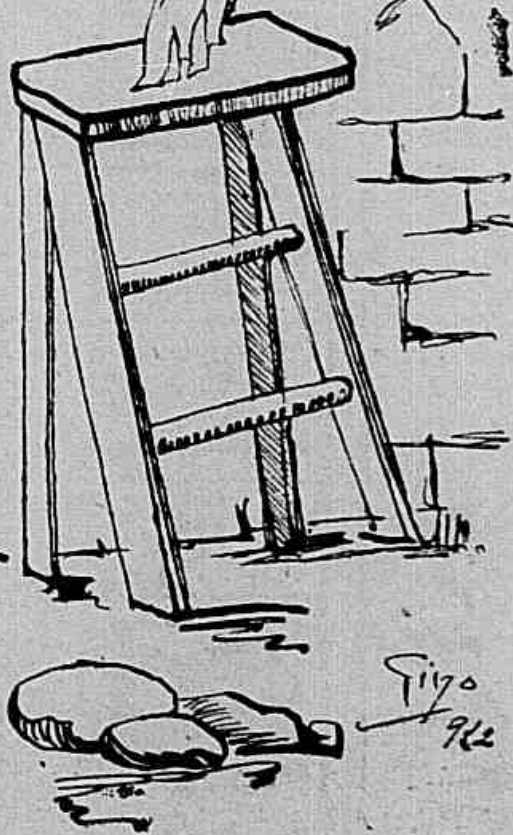
VISITE V. EX. A

ESTRELLA BRANCA

(WHITE STAR)

E verificará que em parte alguma se poderá vestir em melhores condições

146 — Rua Uruguayana — 146





"POTINS"

Os sapatos e a chuva

Em uma pequena roda, proximo ao Alvear, conversava-se sobre calos, quando o dr. Santos Lobo observou:

— Eu só queria saber porque motivo, quando ameaça chuva, os meus pés começam a doer nos sapatos!

O assumpto era digno de interesse, e foi por isso que o maestro Elpidio Pereira alvitrou:

— Eu penso que o caso é o seguinte. Quando vai chover, o termometro baixa. Ora, o sapato tambem se regula por pontos. E é natural que, quando ameaça chuva, a botina desça a 37 ou 36.

O maestro Elpidio não terá, mesmo, razão?

Direito... por linhas tortas

Casada com um vigoroso filho da península iberica, a deliciosa brasileira foi assistir a uma das touradas do Centenario, levando o filho pequeno, que ficou apavorado com o touro. A influencia sobre o pirralho foi, mesmo, tamanha, que, hoje, quando está chorando, basta, para calar-se, que a mãe lhe diga:

— Olha o touro! Olha que o touro vem te pegar!

Domingo passado, iam marido, mulher, e o pequeno, em um bonde de Copacabana, quando o menino desatou a chorar.

— Olha o touro! Olha o touro, que vem te pegar! — ameaçou a mãe, sacudindo-o.

E, como o pirralho não se calasse, ao marido, passando-lhe a creança, com a maior naturalidade do mundo:

— Antonio, «pêga» este menino; sim?

Espectaculo... por sessões

Aquelle grupo de medicos perigosos tomava o seu chá na Colombo, quando appareceu a porta do elevador a figurita graciosa daquelle dama de chapéu negro, coroando um sumptuoso thesouro de cabellos dourados.

— E' uma das creaturas de pelle mais igual que eu tenho visto! — informou o dr. Leonidio Filho.

— Onde a viste? — indagou alguém. — Já lhe examinaste o corpo?

— Eu? não. Mas vi-a inteiramente despida da cintura para cima, no baile do Itamaraty; e da cintura para baixo, inteiramente sem roupa, no banho de mar!

Juntando as duas partes, estava, realmente, o corpo completo.

Mas poderia elle, mentalmente, juntar as partes?

(Cont. de Estremecimento)

ternaes, soluçando:

— Foi isso mesmo, mamãe! Nós tivemos um «estremecimento», na véspera de Natal.

E a voz tremulá, o braço estendido, as lagrimas em turbilhão:

— Foi alli, atraz da porta, junto do piano...

E continuou a chorar.

Lila Lê

O signal da Cruz

O casal morava no Leme, onde madame era conhecida pelos seus sentimentos religiosos. Certo dia, pregava a illustre senhora á parede uma cruz de marfim, quando, ouvindo um sacrilegio do marido, desabou sobre elle com o piedoso symbolo na mão, mettendo-lh'o, forte, pela cabeça, pelas costas, pelos hombros. Cessada a pancadaria, estava o dono da casa com uma brecha no rosto, da qual resultou uma cicatriz.

— Agora, elle ha de ser religioso por força! — dizia madame, rindo, a uma das suas amigas.

E alludindo á cicatriz do esposo:

— Elle nunca mais se esquecerá do «signal» da Cruz!

Perversidade feminina

Ha tres ou quatro annos, o illustre official do Exército possuia a cabeça inteiramente branca. E, de repente, começou a pedir auxilio á «negrita», de modo que, agora, tem os cabellos, que não são muitos, rigorosamente pretos.

Apresentado recentemente a mme. A. L., que já o conhecia de ha muitos annos, esta puniu o vaidoso com a peor das ironias.

— Creio que já fui apresentado á senhora... — accentuou o official.

— E' possivel; mas não me lembro, — observou madame.

E abanando-se, para não rir:

— Quem eu conheci muito, ha uns quatro annos, foi o senhor seu pae...

Perspicacia

As duas lindas senhoras conversavam na sala de visitas, fazendo confidencias encantadoras, quando a campainha, apertada no portão, tilintou no corredor.

— E' meu marido, — observou a dona da casa, prestando attenção. — Com certeza elle esqueceu alguma coisa, e vai sair de novo.

Vinte minutos depois, a campainha soou, de novo, com a mesma monotonia. Espantada, a bocca semi-aberta, num mixto de ventura e ansiedade, madame exclamou:

— E' elle! E' o Julio!

— Póde não ser! — aventurou a amiga. — Pode ser, de novo, teu marido.

— Não, filha; é elle mesmo.

E num suspiro:

— Não ha confusão possivel. Eu os conheço de longe, até no modo de apertar... a campainha!

A BELLEZA E A FORTUNA

Uma cutis sadia e fina equivale a uma fortuna. Qualquer pessoa cuja cutis não possua essas qualidades, pode conseguil-as, alimentando-a com cremes naturaes. Este conselho é dado pelas actrizes, pois em seus rostos, como todos sabem, nunca se vê uma espinha. Vale a pena segui-lo. Desses cremes, o mais usado é o creme de cera purificada, que além de bom alimento para a derme, cura e evita as molestias da pelle, razão porque é o mais procurado nas perfumarias.

ODORANS

Dentifricio medicinal, o unico que evita a carie e o mau halito.

Uma experiencia custa apenas: Líquido: 2\$500

Pasta: 2\$000

A venda em toda parte — Em São Paulo: Casa Lebre — Deposito geral: Casa Hermann, Rio.

páco! Chegando lá... foi aquillo que você ouviu... a actividade... a vida domestica... o entrechoque dos ideaes com a realidade... Ziiii! Tun! Zuuuu! Tin! Está bem descripto... Não acha?

ROBERTO — E'...

DENISE — Pois aqui foi que parou...

ROBERTO — O cavallo.

DENISE — Não!... A poesia... Quero que você me aconselhe como é que devo fazer...

ROBERTO — Como?

DENISE — Para continuar a poesia... Ou por outra... Se você fosse o Alcêo... que é que fazia...

ROBERTO — Ah! Se eu fosse o Alcêo que é que fazia?

DENISE — Sim!

ROBERTO — Eu... não apejava... Dava de redea no cavallo e voltava pelo mesmo caminho... ou por outro mais curto... Tô páco! Tô páco! Tô páco e ia comprar

um dictionario de rimas no primeiro sêbo que encontrasse aberto...

DENISE — Como?! Como?! Não se faça de tólo! Você é um idiota... (desliga o telephone com violencia) (pausa)

SCENA 2ª

Cinco minutos depois. — Roberto só.

ROBERTO (encaminhando-se para o telephone) — Ia me esquecendo... Tenho de telephonar ao Barros... (pegando no phone) — Senhorita... Villa 5391... (pausa)...

— Tô páco! Tô páco! Tô páco!...

ROBERTO — Coitado do Alcêo lá está elle galopando outra vez....

TELEPHONISTA — A linha está em communicação...

(panno..)

JAN RICHORA

GRANDE PARQUE DE DIVERSÕES

Empresa: V. Fernandes, Lopes & Comp.

Recinto da Exposição

O PARQUE E' HOJE O PONTO CHIC VISITADO DIARIAMENTE POR TODA A POPULAÇÃO CARIOCA

HOJE

HOJE

Funcionarão todos os divertimentos

Aos Domingos, matinée infantil

SALÃO DE DANCAS — Devido á grande concorrência que tem tido o salão de dancas a Empresa resolveu dar Soir.e chic ás sextas-feiras, das 8 horas da noite á 1 hora.

BREVEMENTE THEATRO CARLOS SAMPAIO — BAILES A' FANTAZIA

Verdadeiro paraizo terrestre, o formoso Palacio será dentro de poucas horas, o logar delicioso em que os habitantes desta bella cidade encontrarão a alegria intensa e o riso espontaneo

BANDA DE MUSICA — ORCHESTRA BARS — SALÕES DE LUNCHS — SALÕES DE CHA' — TRENS

LILIPUTIANOS — ENTRADA : — 1\$.00

Equipamento moderno de escriptorio

Do melhor o melhor

a machina de escrever L. C. Smith & Bros n.º 8



A construcção, toda, "a esphas" na SMITH & BROS, não é nenhuma innovação — 20 annos de experiencia têm demonstrado a excellencia deste systema — Ausencia de attricto — maior durabilidade.

TABULADOR DECIMAL

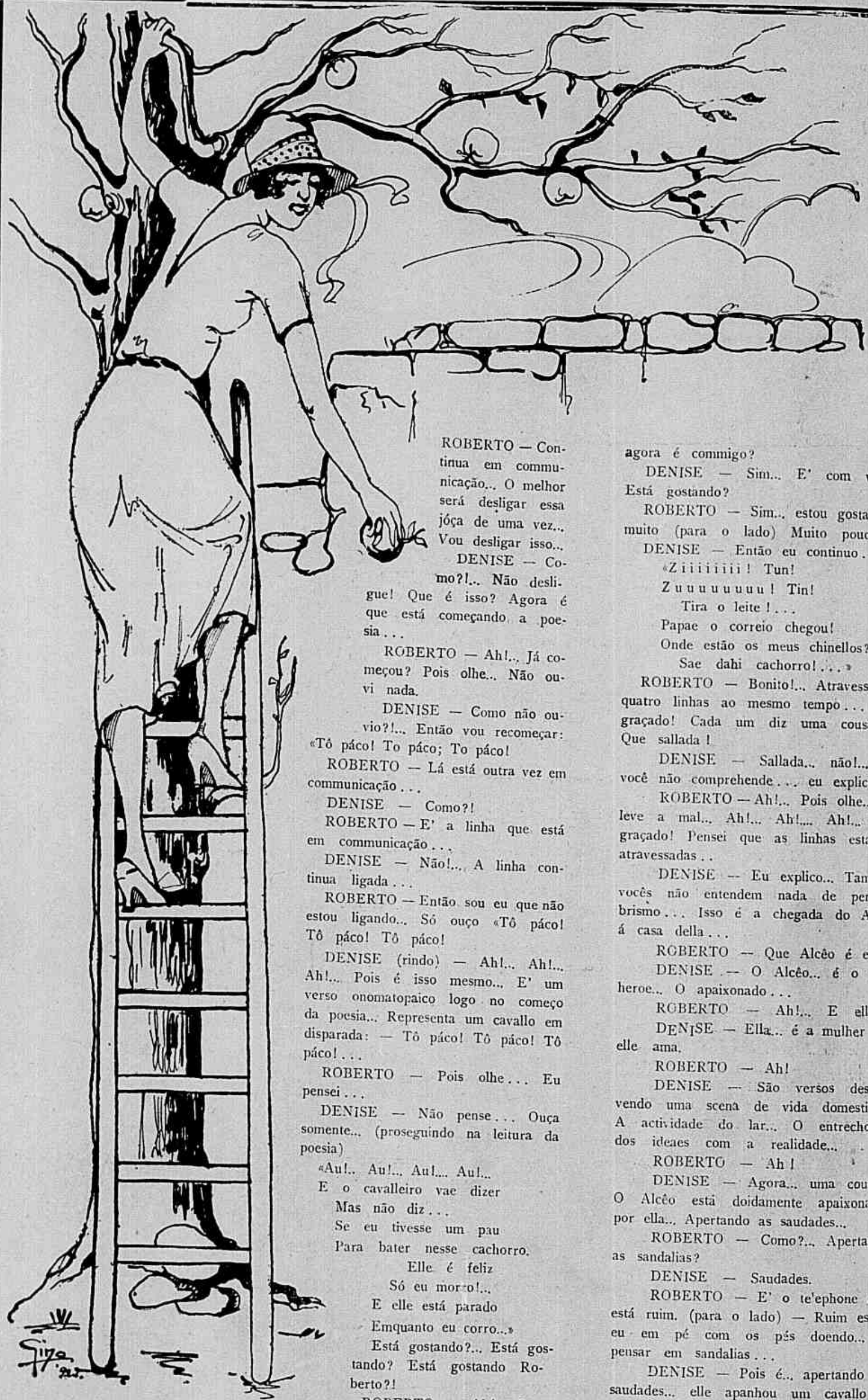
sem augmento do preço.

Funcionamento quasi inteiramente silencioso. Modelos no. 8 e modelos no. 5

Ag.nte geral: **John Roger**, rua da Quitanda 156 e 158

Mimeographos "Edison-Dick" — Os afamados Cofres "Minerva" etc. etc.

Visitem minha exposição.



ROBERTO — Continua em comunicação... O melhor será desligar essa jóça de uma vez... Vou desligar isso...

DENISE — Como?!... Não desligue! Que é isso? Agora é que está começando a poesia...

ROBERTO — Ah!.. Já começou? Pois olhe... Não ouvi nada.

DENISE — Como não ouvi?!... Então vou recomençar: «Tô páco! To páco; To páco!

ROBERTO — Lá está outra vez em comunicação...

DENISE — Como?!

ROBERTO — E' a linha que está em comunicação...

DENISE — Não!... A linha continua ligada...

ROBERTO — Então sou eu que não estou ligando... Só ouço «Tô páco! Tô páco! Tô páco!

DENISE (rindo) — Ah!.. Ah!.. Ah!.. Pois é isso mesmo... E' um verso onomatopaico logo no começo da poesia... Representa um cavallo em disparada: — Tô páco! Tô páco! Tô páco!...

ROBERTO — Pois olhe... Eu pensei...

DENISE — Não pense... Ouça somente... (proseguindo na leitura da poesia)

«Au!.. Au!.. Au!.. Au!..

E o cavalleiro vae dizer

Mas não diz...

Se eu tivesse um pau

Para bater nesse cachorro.

Elle é feliz

Só eu moro!..

E elle está parado

Emquanto eu corro...»

Está gostando?... Está gostando? Está gostando Roberto?!

ROBERTO — Ah!.. Isso

agora é commigo?

DENISE — Sim... E' com você... Está gostando?

ROBERTO — Sim... estou gostando... muito (para o lado) Muito pouco...

DENISE — Então eu continuo...

«Ziiiiiiii! Tun!

Zuuuuuuuu! Tin!

Tira o leite!...

Papae o correio chegou!

Onde estão os meus chinellos?

Sae dahi cachorro!...

ROBERTO — Bonito!.. Atravessaram quatro linhas ao mesmo tempo... Engraçado! Cada um diz uma cousa... Que sallada!

DENISE — Sallada... não!.. Se você não comprehende... eu explico.

ROBERTO — Ah!.. Pois olhe... não leve a mal... Ah!.. Ah!.. Ah!.. Engraçado! Pensei que as linhas estavam atravessadas...

DENISE — Eu explico... Tambem vocês não entendem nada de penumbismo... Isso é a chegada do Alcêo á casa della...

ROBERTO — Que Alcêo é esse?

DENISE — O Alcêo... é o meu heroe... O apaixonado...

ROBERTO — Ah!.. E ella?...

DENISE — Ella... é a mulher que elle ama.

ROBERTO — Ah!

DENISE — São versos descrevendo uma scena de vida domestica... A actividade do lar... O entrecchoque dos ideaes com a realidade...

ROBERTO — Ah!

DENISE — Agora... uma cousa... O Alcêo está doidamente apaixonado por ella... Apertando as saudades...

ROBERTO — Como?... Apertando as sandalias?

DENISE — Saudades.

ROBERTO — E' o te'ephone que está ruim. (para o lado) — Ruim estou eu em pé com os pés doendo... a pensar em sandalias...

DENISE — Pois é... apertando as saudades... elle apanhou um cavallo e galopou para casa della... Tô páco! Tô

LIVROS

DO

CONSELHEIRO X. X.



VALLE DE JOSAPHAT -- chro-
nicas de 1918 (10.º mí-
lheiro) 1 vol. 300 pags.
br. 5\$ enc. 6\$500

TONEL DE DIOGENES -- chronicas
de 1919 (12.º milheiro)
1 vol. 320 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

A SERPENTE DE BRONZE -- chro-
nicas de 1920 (10.º milheiro)
1 vol. 360 pags. br. 5\$ enc. 5\$500

GANSOS DE CAPITOLIO -- chroni-
cas de 1921 (6.º milheiro)
1 vol. 406 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

NO PRELO

BACIA DE PILATOS -- chronicas de 1922
1 vol. 400 pags. br. 5\$ enc. 6\$500

Editora : GRANDE LIVRARIA LEITE RIBEIRO

Ruas : Bethencourt da Silva, 15, 17 e 19 e 13 de Maio, 74 e 76

Caixa Postal 899 — End. telegr. ETIEL — Telephones: Central 250 e 38

“A EQUITATIVA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL”

Sociedade de Seguros sobre a vida

Séde social: AVENIDA RIO BRANCO, 125 —  — RIO DE JANEIRO

(Edifício de sua propriedade)

RELAÇÃO DAS APOLICES SORTEADAS EM DINHEIRO, EM VIDA DO SEGURADO

66.º Sorteio — 15 de Janeiro de 1923

82.370 — Julio Frederico Brietzke.	P. Alegre — R. G. Sul	111.064 — José Abner de Oliveira...	São Paulo — São Paulo
88.546 — D. Cleonice Borges Vêras	Parnahyba — Piahy	99.265 — Ugo Bassini.....	São Paulo — Idem
110.765 — Waldemar Durval Falcão		124.071 — João Antonio Pereira.....	Rio Preto — Idem
Lima	Maceió — Alagôas	123.435 — Raymundo Candido de	
99.224 — João Baptista da Costa		Mergulhão Lobo.....	Catanduva — Idem
Carvalho Filho.....	Curityba — Paraná	98.124 — Daniel Bidudo e Silva...	São Paulo — Idem
114.119 — José Freire de Castro Jucá	Fortaleza — Ceará	119.228 — José Cardoso Ferrão.....	São Paulo — Idem
114.833 — João Victorino Raposo...	Parada Central — Para-	100.152 — Arthur Odescalchi.....	Idem, idem
	hyba do Norte	113.700 — Francisco Teixeira Mar-	
91.626 — José Moreira da Costa...	Santo Amaro — Bahia	ques.....	Capital Federal
112.115 — Miguel Bomfim.....	Jequié — Bahia	122.643 — José Cardoso Martins....	Idem, idem
18.353 — José da Cunha Sodré.....	Campos — E. do Rio	50.582 — José Rodrigues Teixeira..	Idem, idem
6.125 — Galdino Rodrigues Pereira	Albino Torres — Idem	123.634 — Alberto Gonçalves Assis	
113.381 — José Francisco de Lyra..	L. Flores — Pernambuco	Teixeira.....	Idem, idem
116.570 — Francisco da Silva Moreira	Recife — Idem	57.804 — Domingos Baptista da	
112.604 — José de Barros Cavaleanti	Idem, idem	Gama.....	Idem, idem
123.145 — Ajax Corrêa Rabello.....	Buenopolis — M. Geraes	121.608 — Manoel Gonçalves de A-	
116.004 — Benjamin Amaral de Pau-		galhães.....	Idem, idem
la Lima.....	Bello Horizonte — Idem	88.268 — Dr. Rodoval Soares de	
123.592 — Dr. Angelo Barletta.....	Uba — Idem	Freitas.....	Idem, idem
124.352 — Manoel Justiniano de Ara-	Palmyra — Idem	121.814 — Italo de Oliveira.....	Idem, idem
njo.....	Tremembé — S. Paulo	124.700 — Eduardo Telles Moreira..	Idem, idem
118.187 — Alexandre Monteiro Patto		121.807 — Manoel Fernandes.....	Idem, idem

NOTA — “A EQUITATIVA” tem sorteado, até esta data, 1.856 apolices no valor de 7.941.590\$000, importância paga EM DINHEIRO, aos respectivos segurados, continuando as mesmas em vigor, com direito aos sorteios ulteriores, de conformidade com as clausulas respectivas.

O melhor presente

DE

Anno Novo

Gravatas de luxo

O stock mais bello e a
padronagem mais variada
V. Ex. encontra na

Casa ESTRELLA

OUVIDOR, 134

DR. JULIO VIEIRA

Ouvidos, Nariz e Garganta

Consultas diarias das 2 ás 6 — Rua da Assem-
bléa, 41 - 1.º; Telephone Central, 4803 — Residencia:
Hotel Majestic, Praça de Botafogo, 384 — Telephone:
Sul 931.

DOENÇAS DOS OLHOS, OUVIDOS, NARIZ
E GARGANTA

Dr. Raul David de Sanson

Consultas diarias das 2 ás 5 — Consultorio, rua
S. José 43, 1.º andar — Telephone C. 5197 — Resi-
dencia: Ribeiro de Almeida, 21 - Laranjeiras — Tele-
phone: B. M. 527.

Dr. Luiz Sampaio

OPERADOR E PARTEIRO

Especialista em molestias de senhoras e creanças, em
syphilis e vias urinarias.

Applica injeções de 914 por processo rapido e sem dor.

CONSULTORIO — Ourives 30, das 4 ás 6 horas

Telephone Norte 1422

RESIDENCIA — PRESIDENTE DOMICIANO 194

Nitheroy

Telephone 2066

Não temer a Tuberculose

O "SANGUINOL"

E' o melhor e o mais activo fortificante que existe. Uma colher de "SANGUINOL" faz mais effeito que um vidro do melhor tonico. As Mães que criam, os Anemicos, as Moças palidas, as Crianças rachiticas e escrophulosas, os Esgotados, os depauperados, obtêm carnes, saude, vigor e sangue novo usando o "SANGUINOL". E' o melhor preventivo contra a Tuberculose.

Desenvolve e faz as crianças robustas.

O "SANGUINOL" é muito superior ás Emulsões de Oleo de figado de Bacalhau que em geral atacam o estomago e o figado nas estações quentes.

Em todas as Pharmacias e Drogarias



— HEBE —

PÓ DE ARROZ DA MODA
ADHERENTE E PERFUMADO

Caixa 2\$500 — pelo Correio 3\$200

VENDE-SE EM TODA A PARTE

Deposito Perfumaria Lisboa — OUVIDOR, 55 — RIO

PARA O BANHO

O SABÃO

TRIMO BORICO

Contra: BROTOEJAS ■ ASSADURAS ■ PRURIDOS

A MAÇA

EXPEDIENTE:

"A MAÇA"

Semanario illustrado. — Director: Conselheiro X. X. — Proprietario:
Humberto de Campos. — Redacção: Rua SACHET, 28.

Estados:		Capital:	
Anno	25\$000	Numero avulso	\$500
Semestre	15\$000	atrazado	\$600
Numero avulso	\$600		

Exterior:

Porte simples		Registrado	
Anno	50\$000	Anno	60\$000
Semestre	30\$000	Semestre	35\$000

Agentes para os Estados:

Livraria LEITE RIBEIRO. — Rua Bethencourt da Silva, ns. 15, 17 e 19

Tabella para Annuncios:

1 pagina	200\$000	1/8 pagina	35\$000
1/2 "	110\$000	Capa a duas cores	450\$000
1/4 "	60\$000	" " " "	600\$000

Tratar directamente na gerencia com o Snr. João de Abreu.

Telephone N. 4594

AO COMMERCIO

Está autorizado a contractar annuncios com illustrações para esta revista, especialmente para o numero de anniversario, o sr. Manlius Mello (Ivan), que com os interessados ajustará o preço de accordo com o desenho a executar.

Comprem todos os mezes

O MUNDO LITERARIO

Magnifica e victoriosa revista do movimento
cultu al no Brasil

Directores: PEREIRA DA SILVA e THÉO-FILHO

Secretario: AGRIPPINO GRIÉCO

Collaboração dos maiores escriptores brasileiros.
Só publica ineditos. Traz a resenha do movimento
literario nos paizes europeus e nos estados da União.
Cada exemplar de 130 paginas: 2\$000, e 2\$500 no
interior.

EDITORIA

A Grande Livraria LEITE RIBEIRO

PESO NO ESTOMAGO?
INDIGESTÕES? NAUSEAS?
DYSPEPSIAS? AZIAS?
COLICAS? FIGADO?
INTESTINHOS?
PESO NA CABEÇA?
ANSIAS? ENJÓOS?
FALTA DE APETITE?
FLATULENCIAS?
ENXAQUECAS?
TONTEIRAS?...

USAE O
DIGESTYL
EFFECTO SEGURO

CONSESSIONARIOS

S. FARIAS & CIA.

RUA MAJOR AVILA, 67

DEPOSITARIOS

DROG. RIBEIRO MENEZES & CIA

Rua Uruguayana, 91

DROG. BAPTISTA

Rua dos Ourives, 30



RESURREIÇÃO
DAS FORÇAS

UNICAMENTE
COM O REI DOS
FORTIFICANTES

RAPIDO

KOLA-CARDINETTE

THE
PALISADE
MANUFACTURING CO
EUA
YONKERS-N.Y.

CAIXA DO CORREIO-1907.
RIO DE JANEIRO